

Vítor Oliveira Jorge
[Coordenador]

CONSERVAR PARA QUÊ?

8ª Mesa-redonda de Primavera

*Realizada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto
nos dias 26 e 27 de Março de 2004*

PORTO·COIMBRA

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Departamento de Ciências e Técnicas do Património
Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto
(Fundação para a Ciência e a Tecnologia)
2005

O SÍTIO PRÉ-HISTÓRICO DE CASTANHEIRO DO VENTO. COMO TRANSFORMAR UMA RUÍNA NUM DISCURSO INTELIGÍVEL PARA OS VISITANTES?

por

João Muralha Cardoso*, Leonor Sousa Pereira** & Ana Margarida Vale***

“(…) qualquer discurso, sistemático ou ideológico, que queira dar à conservação uma significação fechada e datada, poderá elucidar certos valores da sociedade presente – o último texto do palimpsesto – mas perderá forçosamente a própria essência da conservação.”

Marc Guillaume, 2003, “A Política do Património”, p. 47

Resumo: Os autores apresentam sucintamente a estação arqueológica de Castanheiro do Vento realçando algumas das suas principais estruturas. Acentuam a importância de uma arqueologia que se deverá demonstrar mais atenta para os aspectos relacionados com a organização do(s) espaço(s), isto é, para o “design” arquitectónico dos mesmos. Assim, só um trabalho constante de investigação interdisciplinar poderá produzir discursos que transformem uma ruína num local inteligível ao público.

Palavras-chave: Arquitectura pré-histórica; ruína; conservação/valorização.

Abstract: The authors briefly present the archaeological site of Castanheiro do Vento highlighting some of its structures.

They emphasize the importance of an archaeology that should pay more attention to some aspects related to the space organization, i.e., their architectonic design.

Therefore only an interdisciplinary investigation work can transform a ruin into an intelligible place for the public.

Key-words: prehistoric architecture; ruin; conservation/valorization.

* Doutorando da Faculdade de Letras do Porto, Bolseiro da FCT, Co-responsável científico da escavação arqueológica de Castanheiro do Vento desde 1998, com V.O. Jorge (FLUP) e A. S. Coixão (ACDR – Freixo de Numão).

** Instituto Português de Arqueologia, Extensão de Vila do Conde, Co-responsável científica da escavação arqueológica de Castanheiro do Vento desde 2000.

*** Mestre em arqueologia pré-histórica, Co-responsável científica da escavação arqueológica de Castanheiro do Vento desde 2004.

A Estação: CASTANHEIRO DO VENTO

Castanheiro do Vento situa-se na freguesia de Horta do Douro, Concelho de Vila Nova de Foz Côa, Distrito da Guarda, no Nordeste de Portugal.

Segundo a *Carta Militar de Portugal*, à escala 1: 25 000 (folha 140) e recorrendo a um ponto central da estação, apresenta as seguintes coordenadas geográficas:

41° 03' 49'' Lat. N.

07° 19' 18'' Long. W. Gr.

Implanta-se no alto de um cerro de substrato xistoso de planta sub-circular cujo topo se define pela curva de nível dos 720 metros. Actualmente, conserva uma área preservada de cerca de 100 metros, no sentido Norte/ Sul, e de 80 metros, no sentido Este/Oeste, coberta por vegetação arbustiva e por alguns amontoados de pedras, provavelmente pertencentes a estruturas pré-históricas que foram sendo desmontadas ao longo dos tempos.

Todavia, a dispersão de materiais visíveis à superfície estende-se quer para Sul, numa plataforma com mais de 100 metros de extensão, actualmente ocupada por uma plantação de cerejeiras, quer para Norte e Este no que eventualmente poderia ser uma sequência de rampas ou plataformas destruídas pela abertura de valas destinadas ao plantio de eucaliptos.

Estamos perante uma “colina monumentalizada” com um amplo domínio visual tanto para o vale da ribeira da Teja (a Este), como para o vale do rio Torto (a Oeste), marcada pela presença do Homem desde o Calcolítico/primeira metade da Idade do Bronze (c. 2900 e 1400 a.C.). Estima-se que o âmbito cronológico da estação se estenda até ao Bronze Final ou mesmo à Idade do Ferro. Esta dedução tem como base a recolha de um fragmento de cerâmica excisa assim como de uma peça em electro. A estes dados acrescentam-se os resultados das análises de C14¹ que forneceram várias datas tardias, claramente atribuíveis à Idade do Ferro (entre os sécs. VIII e IV a.C.), relacionadas com uma possível “estrutura de combustão”.

O Sítio tem vindo a ser escavado desde 1998 no âmbito de projectos plurianuais aprovados pelo Instituto Português de Arqueologia através do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos (PNTA), perfazendo este ano sete campanhas de escavação².

Apesar da escassez de meios financeiros, que condicionam em muito a progressão dos trabalhos (tendo em conta o que poderia ser feito em função da área disponí-

¹ Ver JORGE, MURALHA, PEREIRA, & COIXÃO 2003:91/98, onde se debatem com mais pormenor as questões cronológicas deste sítio.

² O responsável científico deste projecto tem sido o Prof. Vítor Oliveira Jorge, primeiro no projecto EVASAFREN (1998-2001) e depois no ARQUEHORFREN (2002-2005).

vel), o esforço empreendido permite-nos, a pouco e pouco, obter a planta do Sítio, ou melhor, o “design” arquitectónico daquele espaço.

Este parece corresponder a um recinto murado interceptado por diversas passagens, que define um recinto principal ao qual se encontra adossado, para Sul, um outro de planta ovóide – recinto secundário. Estes alinhamentos pétreos integram um conjunto de estruturas sub-circulares³ (A, B, C e D introduzidas no recinto principal; e E e F, no recinto secundário) e uma outra de planta circular, (anexa à estrutura Sub-circular D). Numa linha de cota superior, foram detectados, durante a campanha de 2004, um conjunto de vestígios que parecem indicar a existência de um outro recinto.

A noção de um espaço perfeitamente organizado onde o “espaço que se deixa é tão importante como o espaço que se preenche” (Távora, 1999) remete-nos para um outro plano, neste caso técnico, relacionado com a sua construção.

Estamos, provavelmente perante um tipo de arquitectura baseada numa técnica de construção em terra onde se conjuga a pedra (o xisto e em menor escala o granito), com as potencialidades plásticas da argila. Assim, esta matéria seria utilizada:

- a) para nivelar e colmatar as irregularidades do substrato rochoso apresentando, diversas vezes, um grau de compactação bastante elevado;
- b) como “ligante” na construção das bases pétreas;
- c) como revestimento de estruturas pétreas;
- d) como matéria-prima na construção de paredes, possivelmente assentes sobre um alicerce de pedras permitindo uma grande diversidade de linguagens plásticas (Déthier, 1993).

A pedra assume igualmente um papel não menos importante. O substrato rochoso, em virtude do plano arquitectónico idealizado, serviria não só como matéria prima, mas também como elemento importante para a construção do local. Seria afeiçoado e/ou integrado na construção. Por outro lado, as lajes de xisto seriam constituintes da construção de alicerces sobre os quais se poderiam erguer paredes de argila. Seriam também utilizadas na construção de taludes, isto é, numa espécie de “amontoados” de pedra aparentemente desorganizados mas constituintes e estruturantes desses taludes, encostados aos alicerces dos muros. Na verdade durante o processo de escavação verificamos que aquilo a que geralmente se apelida de “derrubes”, dão corpo a uma

³ A denominação “estruturas sub-circulares”, correspondem ao termo “bastião”, utilizado mais comumente na literatura arqueológica. Como achamos que esse termo implica uma conotação militarista ou é imediatamente relacionado com a ideia de fortificação, optámos por descrever estas estruturas como “estruturas sub-circulares”. O mesmo se passa com o termo “torre”, ao qual chamamos apenas “estrutura circular”. A mudança de terminologia, neste caso, implica uma alteração de conceitos, passamos de uma arqueologia tradicional e funcionalista para uma arqueologia mais relacionada com a organização/reorganização de espaços e mais preocupada com os aspectos arquitecturais do local.

seqüência de pedras dispostas de forma ordenada, muitas vezes embaladas em argila, funcionando como estruturas de contrafortagem dos muretes construídos.

Em diversos pontos da estação podemos observar a utilização de lajes de xisto como elemento de contenção das estruturas erigidas. Dispõem-se de forma alternada em planos paralelos e perpendiculares junto à base da estrutura que se pretende conter (por exemplo, estrutura sub-circular B).

O trabalho de campo permite-nos obter uma percepção das diversas soluções construtivas utilizadas, sugestivamente “mascaradas” no resultado final.

Castanheiro do Vento é um monumento construído para ser visto no espaço e no tempo, “materializando memórias colectivas, fixando-as, narrando-as e recriando-as. Esta visibilidade que se materializa no espaço por construções pétreas e que perdura no tempo, traduz estratégias de ocupação do espaço, directamente conectadas com as formas de apreensão, compreensão desse mesmo espaço” (Vale, 2004).

Conservar o quê? Como? Para quem?

Ou melhor, como transformar este conjunto de estruturas, num discurso inteligível para o público?

Cremos que apenas através de um processo intensivo de investigação do sítio podemos produzir discursos que sejam orientadores de diversas inteligibilidades. Só numa relação bi-únivoca entre a investigação (apesar de lentidão do questionamento científico), e os trabalhos de conservação e restauro, se poderá valorizar patrimonialmente este sítio. Os discursos produzidos deverão ser plurais; científicos, divulgadores e sempre problematizantes. Qualquer que seja a mensagem do patrimonializável, deve ficar sempre a dúvida, clara e assumida, de que é um discurso possível entre dezenas de outros.

O discurso científico, ou seja, a linha de investigação que tem vindo a ser implementada em Castanheiro do Vento pretende acentuar a importância de uma arqueologia das arquitecturas pré-históricas, valorizando a sua inserção paisagística, vista como um espaço identitário de uma população. Nesse sentido é fundamental ultrapassar a tradicional arqueologia dos “povoados” e das “ocupações” e orientar o estudo para a complexidade dos espaços pré-históricos, das suas estruturações e metamorfoses entendidas como actos sociais plenos de significado.

Como transmitir, num processo de conservação e valorização de um Sítio, as diversas percepções nele apreendidas durante o processo de investigação?

Sem que a inteligibilidade do Sítio se desvaneça há que assumir uma pluralidade de discursos dirigidos aos diversos públicos alvo.

Não é tarefa fácil!

Assim, quais as hipóteses com que podemos trabalhar?

Se optarmos por valorizar apenas as grandes linhas estruturais, que postura será assumida perante os taludes ou plataformas? E as pequenas estruturas?

Como lidar com os materiais utilizados – a pedra, a argila e outros materiais perecíveis?

São inúmeras as questões levantadas quando se pensa na valorização de um sítio desta natureza. Todavia, partimos de alguns pressupostos que, certamente, intervêm de modo positivo nesse processo.

Em primeiro lugar, o trabalho de investigação que se desenvolve em Castanheiro do Vento resulta num discurso permanentemente “inquieta”, problematizante. Não devemos cristalizar paradigmas nem considerar o processo de conservação como a preparação de uma herança⁴ (Guillaume, 2003), mas sim como um exercício de conhecimento. Valorizar a interacção entre o arqueólogo/escavador/investigador e o trabalho do conservador/restaurador para a compreensão deste tipo de sítios.

Assim sendo, a transformação desta ruína num local apelativo e visitável poderá prever, pontualmente, acções de restauro experimental mantendo a harmonia e coerência dos materiais a utilizar (isto é, a pedra, a argila e outros materiais perecíveis). Paralelamente, poder-se-á assumir o processo de escavação como um “estaleiro de obra” – um processo em curso – acessível ao público que deverá ter à sua disposição, e como apoio imprescindível, um centro interpretativo. Esse espaço deverá funcionar não só como um garante da manutenção do sítio, mas também como um estímulo à atitude crítica dos visitantes, orientada quer pelo apoio de visitas guiadas, quer pela oportunidade de recorrer às potencialidades das novas tecnologias (como exemplo, modelos virtuais).

Quaisquer que sejam os caminhos a seguir duas ideias deverão prevalecer no espírito de quem conduz esse processo:

- Castanheiro do Vento terá funcionado, no passado, como um elemento estruturante de identidades colectivas, mas será que se apresenta como um símbolo identitário das populações do presente?
- A paisagem natural deverá desempenhar um papel activo em todo o processo de valorização sob a dicotomia monumento/paisagem no passado e ruína/paisagem no presente.

“Tudo tem importância na organização do espaço – as formas em si, a relação entre elas, o espaço que as limita – e esta verdade que resulta de o espaço ser contínuo anda muito esquecida.” (Távora, 1999).

⁴ “Prepara-se uma herança, mas não sabemos ao certo quem são os herdeiros, de tal forma vivemos assombrados pelo espectro da destruição total.”

“As escavações de Castanheiro do Vento são coordenadas pelo Prof. Vitor Oliveira Jorge, que coordena igualmente o projecto ARQUEORFREN, Arqueologia na Região de Freixo de Numão e Horta do Douro. João Muralha, Leonor Pereira, António de Sá Coixão e recentemente (2004), Ana Vale, são igualmente coordenadores da intervenção arqueológica naquela estação arqueológica.”

BIBLIOGRAFIA

- CRIBADO BOADO, FELIPE (2001). La interpretación en el tercer milenio; *Era-Arqueologia*, nº 3, Ed. Colibrí, Lisboa.
- DETHIER, JEAN (1993). *Arquitecturas de Terra. Trunfos e potencialidades de um material de construção desconhecido: Europa, Terceiro Mundo, Estados Unidos*; Fundação Calouste Gulbenkian.
- FOCILLON, HENRI. *O mundo das formas. O elogio da mão*; Edições Sousa e Almeida, Porto.
- GUILLAUME, MARC (2003). *A política do património*; Campo das Letras, Porto.
- JORGE, SUSANA OLIVEIRA (2003). Pensar o espaço da Pré-História recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica; in *Recintos Murados da Pré-história Recente*, FLUP-DCTP e CEAUCP-FCT, Porto/ Coimbra, pp. 13-50.
- JORGE, SUSANA OLIVEIRA (2003). Cenografias monumentais pré-históricas: tópicos para uma reflexão; in *Arquitectando Espaços: da Natureza à Metapolis* FLUP-DCTP e CEAUCP-FCT, Porto/ Coimbra, pp. 63-84.
- JORGE, VÍTOR OLIVEIRA, CARDOSO, JOÃO MURALHA, PEREIRA, LEONOR SOUSA & COIXÃO, ANTÓNIO SÁ (2003). Campanha de escavações arqueológicas no ano de 2002 no sítio do Castanheiro do Vento Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa); *Côavisão*, 5.
- JORGE, VÍTOR OLIVEIRA, CARDOSO, JOÃO MURALHA, PEREIRA, LEONOR SOUSA & COIXÃO, ANTÓNIO SÁ (2003). Castanheiro do Vento, a late prehistoric monumental enclosure in the Foz Côa region, Portugal – recent research (1998-2002); *Journal of Iberian Archaeology*, Vol. 5.
- JORGE, VÍTOR OLIVEIRA, CARDOSO, JOÃO MURALHA, PEREIRA, LEONOR SOUSA & COIXÃO, ANTÓNIO SÁ (2003). A propósito do recinto monumental de Castanheiro do Vento (Vª Nª de Foz Côa); in *Recintos Murados da Pré-História Recente*, FLUP-DCTP e CEAUCP-FCT, Porto/ Coimbra, pp. 79-114.
- JORGE, VÍTOR OLIVEIRA, CARDOSO, JOÃO MURALHA, PEREIRA, LEONOR SOUSA & COIXÃO, ANTÓNIO SÁ (2002). Castanheiro do Vento, um sítio monumental pré-histórico do Concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro); *Côavisão*, 4.
- JORGE, VÍTOR OLIVEIRA, CARDOSO, JOÃO MURALHA, PEREIRA, LEONOR SOUSA & COIXÃO, ANTÓNIO SÁ (2002). Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper/Bronze age sites in northern Portugal; *Monuments and Landscape in Atlantic Europe* (ed. Chris Scarre), Routledge, London.
- RIVERA BLANCO, JAVIER Y PÉREZ ARROYO, SALVADOR. *Carta de Cracovia 2000. Principios para la conservación y restauración del patrimonio construido*; Versión española del Instituto Español de Arquitectura, Universidad de Valladolid.
- TÁVORA, FERNANDO (1999). *Da Organização do Espaço*; FAUP Publicações, Porto.
- VALE, ANA MARGARIDA (2004). Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vª Nª de Foz Côa). Contributos para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalhos (1998-2000); *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XLIV, Fasc. 3-4, Porto, SPAE.

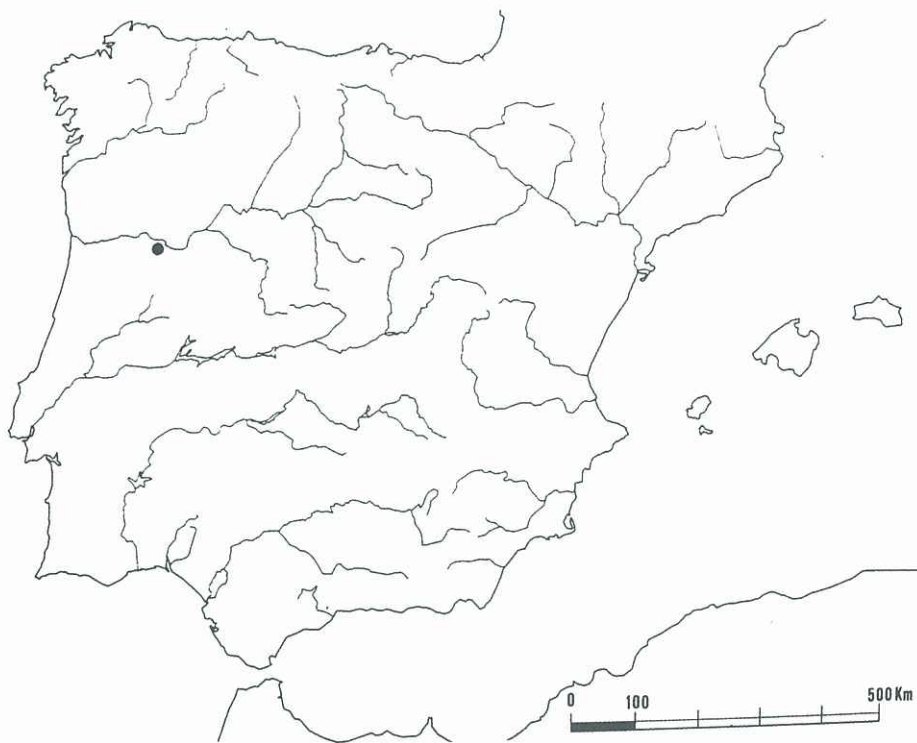


Fig. 1 – Localização de Castanheiro do Vento na Península Ibérica.

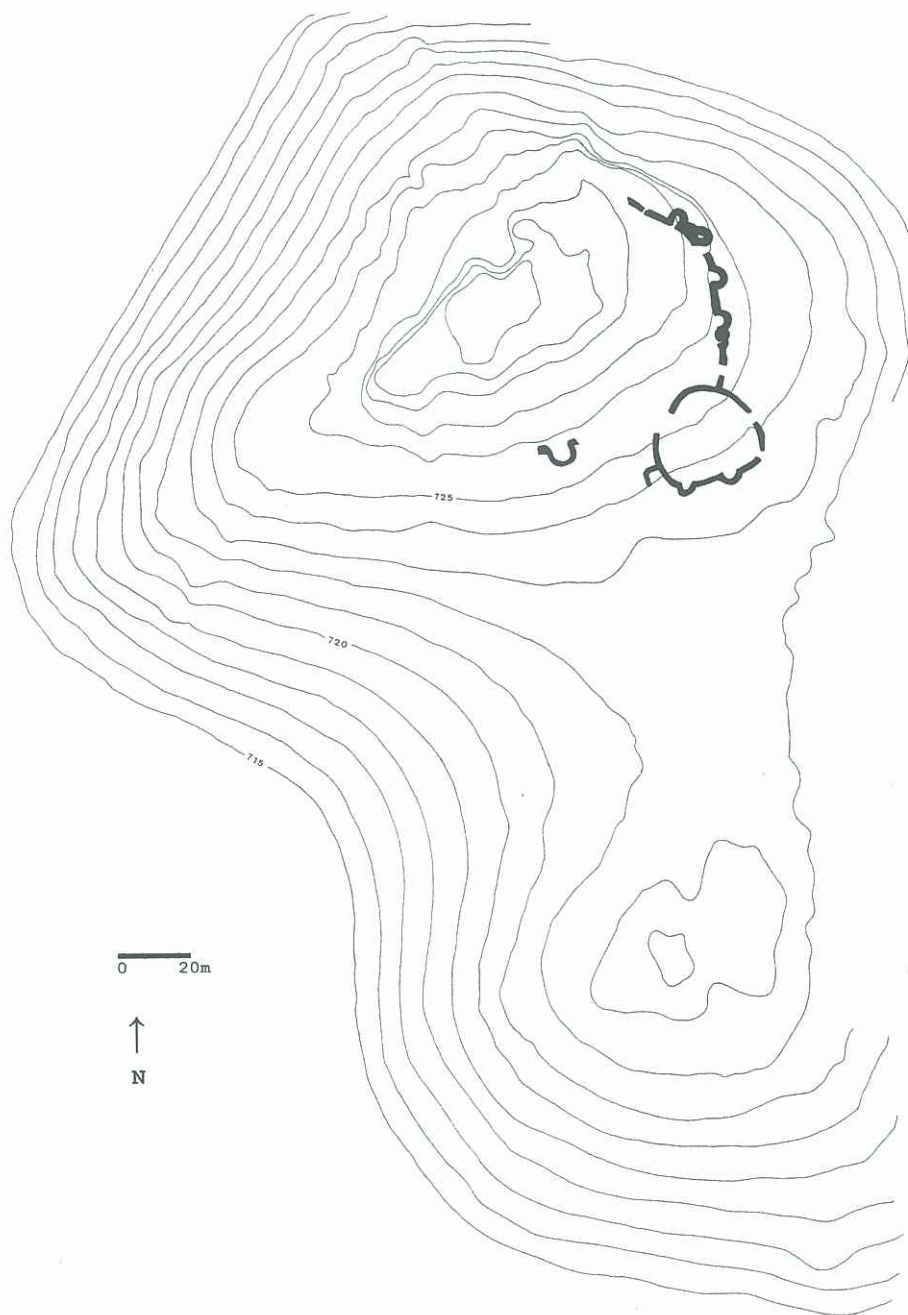


Fig. 2 – Croquis da área escavada até à campanha de 2004.



Fig. 3 – Estrutura sub-circular F. Escavações de 2004.



Fig. 4 – Estrutura sub-circular E. Escavações de 2004.

